



**Corrente Proletária
dos BANCÁRIOS**

Corrente Sindical do
Partido Operário Revolucionário
Membro do Comitê de Enlace pela
Reconstrução da IV Internacional
#2/2026 – 14 de setembro de 2026
@massas.por – pormassas.org



Campanha salarial dos bancários – 2026

TODO APOIO À GREVE NA CAIXA!

A greve na Caixa deve ser apoiada por todos os bancários e pelos trabalhadores. Ela expressa a resistência contra uma proposta de retirada de direitos e contra a tentativa de transferir aos trabalhadores o custo de uma suposta crise nos bancos públicos. A luta na Caixa diz respeito ao conjunto da categoria bancária e a todos os trabalhadores que dependem da força da mobilização para defender seus direitos.

A campanha salarial foi conduzida pelas direções sindicais com uma política de fragmentação e rebaixamento. As negociações se arrastaram até o fim da vigência dos acordos, enquanto a categoria era mantida distante das decisões mais importantes. Em vez de assembleias presenciais, amplas e democráticas, prevaleceram processos virtuais e separados por banco, dificultando a participação da base e reduzindo sua capacidade de decidir sobre os rumos da campanha.

A proposta apresentada pela Fenaban, com apenas 0,6% de aumento real, foi uma demonstração do limite imposto pelos banqueiros. É uma proposta que pretende apresentar como conquista um reajuste que não recompõe perdas históricas e que não modifica as metas que levam ao adoecimento devido à pressão permanente e que mantém a redução dos postos de trabalho.

Nos bancos privados, a proposta acabou sendo aprovada. No Banco do Brasil e na Caixa, porém, os empregados rejeitaram tanto a proposta geral quanto os acordos específicos que atingem direitos fundamentais. Essa rejeição revelou que existe uma disposição de luta maior nos bancos públicos, onde os trabalhadores enfrentam problemas específicos e acumulam perdas, mas também possuem uma capacidade de organização e mobilização que pode impulsionar toda a categoria.

A chamada mesa única, que poderia servir para fortalecer a unidade dos bancários, não tem feito as burocracias sindicais levarem adiante a unidade de toda a categoria bancária na luta. O índice negociado com os banqueiros privados acaba funcionando como teto para os bancos públicos, enquanto as reivindicações específicas do Banco do Brasil e da Caixa são tratadas de

maneira separada e subordinada. Assim, a unidade na negociação não é revertida em unidade na luta e passa a funcionar como mecanismo de contenção da mobilização.

No Banco do Brasil, a defesa da Cassi esteve entre os principais motivos de insatisfação. Na Caixa, a principal reivindicação é o *Saúde Caixa*, uma conquista histórica dos empregados e de suas famílias. O plano não pode ser tratado como simples despesa administrativa nem submetida à lógica de redução de custos. Ele é parte do patrimônio coletivo conquistado pela luta dos trabalhadores ao longo de décadas.

Não aceitamos um modelo que transfira aos usuários o peso dos problemas de custeio. Também não aceitamos o rompimento do pacto intergeracional, que garante a solidariedade entre trabalhadores ativos, aposentados e seus dependentes. A sustentabilidade do *Saúde Caixa* deve ser assegurada sem impor mensalidades e contribuições insuportáveis, sem excluir usuários e sem destruir a qualidade da assistência.

Por isso, é uma armadilha separar o *Saúde Caixa* do conjunto do Acordo Coletivo de Trabalho para tentar desmobilizar a greve. A defesa do plano deve estar articulada às demais reivindicações da categoria: aumento real, manutenção dos direitos, melhores condições de trabalho, preservação do emprego e atendimento às reivindicações específicas dos empregados da Caixa, incluindo as reivindicações da área de tecnologia e a Função Júnior Automática para a TI.

A direção da Caixa tentou responder à rejeição da proposta com ameaça. Comunicou que, após o fim da vigência dos acordos, deixaria de aplicar benefícios e cláusulas conquistadas pelos trabalhadores. Entre os efeitos anunciados estavam a suspensão de reajustes, benefícios e pagamentos previstos na proposta, além da ameaça de interrupção das condições existentes no *Saúde Caixa*.

A medida teve caráter claramente pressionador. Em vez de apresentar uma resposta às reivindicações, a direção do banco tentou transformar direitos em

instrumento de chantagem. O objetivo era produzir medo, dividir a categoria e forçar a aceitação de uma proposta rejeitada nas assembleias.

A reação da categoria, entretanto, impediu que esse plano avançasse como previsto. A greve ganhou força, a ameaça produziu desgaste político e houve reação organizada. Diante dessa pressão, a Caixa foi obrigada a reabrir as negociações, suspender as medidas anunciadas e admitir a possibilidade de prorrogação dos benefícios nas condições anteriores.

Esse recuo demonstra que a mobilização funciona. A Caixa não recuou por iniciativa espontânea ou por mera disposição ao diálogo. Recuou porque a greve, que rejeitou a proposta, com sua pressão política criou uma situação que a direção do banco não conseguiu ignorar.

É preciso, porém, compreender os limites desse recuo. A própria Caixa afirma que a suspensão das medidas é temporária e está vinculada à continuidade das negociações. Portanto, não houve ainda uma vitória definitiva. Os direitos continuam ameaçados e a direção pode voltar a pressionar a categoria caso a mobilização seja desarmada.

É justamente por isso que a greve precisa ser fortalecida. Não podemos aceitar que a reabertura da mesa seja utilizada para ganhar tempo, dividir os empregados ou separar o Saúde Caixa das demais reivindicações. A negociação só será favorável aos trabalhadores se estiver acompanhada de mobilização, participação da base e controle democrático sobre cada decisão.

Também é necessário denunciar o papel das direções sindicais que tentam apresentar recuos parciais como solução definitiva. A base dos bancos públicos rejeitou a proposta, mas a pressão exercida sobre os empregados do Banco do Brasil interrompeu sua resistência em grande parte das bases. Essa experiência deve servir de alerta: quando a decisão é retirada das mãos dos trabalhadores e concentrada nas direções burocráticas, a força da mobilização é reduzida e derrotas podem ser apresentadas como vitórias.

Aos bancários do Banco do Brasil e de toda a categoria, fazemos um chamado à solidariedade. A luta na Caixa precisa ser retomada e apoiada. A interrupção da resistência no BB não elimina os problemas que levaram à rejeição da proposta. A defesa da Cassi, dos salários e das condições de trabalho continua sendo uma necessidade. A mobilização na Caixa pode contribuir para reabrir esse caminho de luta também no Banco do Brasil.

O governo Lula não pode ser tratado como espectador. O governo se apresenta como defensor dos trabalhadores, mas permanece em silêncio diante da greve dos bancários e das ameaças contra os empregados dos bancos públicos. Não houve uma manifestação pública firme em defesa das reivindicações da Caixa e do Banco do Brasil. Como controlador da Caixa e do Banco do Brasil, o governo tem responsabilidade direta sobre os salários, os direitos, as condições de trabalho e os planos de saúde dos empregados.

Não basta falar genericamente em defesa dos trabalhadores. É preciso enfrentar os banqueiros, garantir a recomposição das perdas, preservar os direitos e assegurar o financiamento adequado do Saúde Caixa e da Cassi. O silêncio do governo diante da greve favorece a direção dos bancos e permite que a pressão seja exercida contra os trabalhadores.

Ao mesmo tempo, a oposição de direita tenta explorar o desgaste da greve de maneira oportunista. Muitos dos que agora fingem defender os empregados dos bancos públicos apoiam privatizações, redução de direitos e enfraquecimento das empresas estatais. Não podemos aceitar que a luta dos bancários seja transformada em instrumento eleitoral de setores burgueses que não defendem os trabalhadores nem os bancos públicos.

Nossa resposta deve ser a independência política e a organização da categoria. Não devemos aceitar a chantagem dos banqueiros, a omissão do governo ou a utilização oportunista da greve por setores patronais e eleitorais. A defesa dos trabalhadores deve ser feita pelos próprios trabalhadores, com unidade, assembleias presenciais, democráticas, transparentes e com controle efetivo da base sobre os rumos da campanha.

A greve na Caixa é uma luta contra a divisão, contra o rebaixamento e contra a tentativa de transformar direitos em concessões provisórias. É uma luta pelo Saúde Caixa, pelos salários, pelo emprego e por melhores condições de trabalho.

A Caixa recuou porque a mobilização foi forte. Agora é preciso transformar esse recuo em vitória definitiva.

Todo apoio à greve dos empregados da Caixa!

Saúde Caixa é direito!

Pelo atendimento integral das reivindicações!

Nenhuma reivindicação deve ser abandonada!

Solidariedade dos bancários do BB e de toda a categoria!

Unidade e mobilização até a vitória!